



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA LUZIA CARDOSO MELO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: UMA BREVE CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO SÍTIO
CASTELO, NA VILA DE BEJA**

ABAETETUBA/PA

2023

MARIA LUZIA CARDOSO MELO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: UMA BREVE CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO
SÍTIO CASTELO, NA VILA DE BEJA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Desenvolvimento do Campo – FADECAM, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Abaetetuba, como requisito parcial para conclusão do curso de graduação Licenciatura Educação do Campo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Deusa Maria de Sousa

ABAETETUBA/PA

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

M528h Melo, Maria Luzia Cardoso.
História e memória : uma breve contribuição à história do
Sítio Castelo, na Vila de Beja / Maria Luzia Cardoso Melo. —
2023.
39 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Deusa Maria de Sousa
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Educação do Campo, Abaetetuba, 2023.

1. Memória. 2. História. 3. Sítio Castelo. I. Título.

CDD 370

MARIA LUZIA CARDOSO MELO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: UMA BREVE CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO
SÍTIO CASTELO, NA VILA DE BEJA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Desenvolvimento do Campo – FADECAM, da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Abaetetuba, como requisito parcial para conclusão do curso de graduação Licenciatura Educação do Campo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Deusa Maria de Sousa

Apresentado em: / ____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Deusa Maria de Sousa – Orientador
Universidade Federal do Pará

Prof^a. Dr^a. Lucielma Lobato – Examinador
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Jones da Silva Gomes - Examinador
Universidade Federal do Pará

ABAETETUBA-PA
2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me incentivaram com amor e coragem.

À minha avó Sabina Araci Cardoso Melo, por ser fonte de memória viva e exemplo de sabedoria.

E a todos os moradores do sítio castelo, especialmente àqueles que gentilmente compartilharam suas histórias e lembranças, tornando possível esta construção coletiva de memória e identidade.

RESUMO

Este artigo apresenta a pesquisa realizada no Sítio Castelo, localizado na Vila de Beja em Abaetetuba- Pará, o objetivo do presente trabalho é entender o motivo pelo qual chamam de Sítio Castelo, pois há muitas versões sobre seu surgimento, além de demonstrar quais mudanças que ocorreram no local, os acontecimentos históricos vivenciados pelos moradores e como tudo isso foi refletido no cotidiano dos moradores. Para um melhor entendimento de como foi todo esse processo de mudanças, optou-se pela aplicação de questionário direcionado a alguns moradores mais antigos do local visto que estes podem contribuir mais com este trabalho e através das memórias dos moradores e dos relatos orais dos mesmos foi possível chegar a um ponto em comum sobre a história do Sítio Castelo.

Palavras-chave: Memória. História. Sítio Castelo.

ABSTRACT

This article presents the research carried out at Sítio Castelo, located in Vila de Beja in Abaetetuba- Pará, the objective of the present work is to understand the reason why they call it Sítio Castelo, since there are many versions about its emergence, in addition to demonstrating which changes occurred in the place, the historical events experienced by the residents and how all this was reflected in the daily lives of the residents. For a better understanding of how this whole process of changes was, it was decided to apply a questionnaire directed to some older residents of the place since they can contribute more to this work and through the memories of the residents and their oral reports it was possible to reach a common point about the history of Sítio Castelo.

Keywords: Memory. History. Sítio Castelo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. DE SAMAÚMA À BEJA: UM CAMINHAR SOBRE A HISTÓRIA.....	10
2.1 CONHECENDO O SÍTIO CASTELO	10
2.1.1 O Sítio Castelo Hoje: Turismo, Memória E Desafios.....	14
2.2 COMO SURTIU O SITIO CASTELO: A HISTÓRIA DE SEU PROCÓPIO.15	
3. MUDANÇAS AO LONGO DO TEMPO: RELATOS DO POVO.	20
4. A IMPORTÂNCIA DOS ACONTECIMENTOS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

A construção histórica de um lugar tem seus atores, os quais fazem a narrativa se tornar interessante, construindo o enredo que marca a vida e a história desse lugar. No Sítio Castelo, localizado na Vila de Beja, município de Abaetetuba, não foi diferente, muitos acontecimentos marcaram a memória e a construção do lugar, um espaço definido por momentos difíceis e outros que causaram alegria para a população, mas que em todos se apresenta com memórias cercadas de riqueza.

Os moradores destacam alguns acontecimentos que marcaram ao longo de suas vidas, os quais enriquecem ainda mais este trabalho e a explanação do lugar. Dentre as mudanças ocorridas ao longo do tempo, é possível construir uma linha temporal com os eventos que os entrevistados acharam importantes na edificação de sua história.

A descrição de um povo ou de um lugar é construída a partir de acontecimentos preservados na memória e transmitidos entre gerações, muitas vezes por meio da oralidade. Contudo, para que esses relatos não se percam ou sejam distorcidos, é necessário registrá-los com fidelidade. A memória é, portanto, essencial para a construção histórica, pois permite conhecer as particularidades dos espaços e compreender o passado a partir dos relatos vividos.

A pesquisa aqui apresentada procura responder: como era o Sítio Castelo? Como está hoje? Quais mudanças ocorreram? Quem são os protagonistas dessa história? Para isso, a coleta de dados foi feita com base na história oral e nas contribuições teóricas de autores como Meihy (2006), Durkheim (1973), entre outros. A memória desempenha um papel essencial na construção da história, ela não apenas permite compreender as particularidades de determinados lugares, como também contribui para a formação de uma narrativa rica e significativa. Construir essa linha tênue da história exige revisitar o passado, cruzar memórias, observar o cotidiano, ouvir relatos, causos e contos, compreender o contexto social com um olhar atento e comprometido com a fidelidade dos fatos narrados. Dessa forma, é possível reconstruir os acontecimentos que marcaram a trajetória de uma comunidade.

Para a realização deste trabalho, foi adotada uma abordagem qualitativa, com base na metodologia da história oral. A coleta de dados foi realizada por

meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com moradores antigos do Sítio Castelo, cuja memória se mostrou fundamental para a reconstrução da trajetória local. Essa escolha metodológica justifica-se pela escassez de documentos escritos sobre o tema, reforçando a importância dos relatos orais como fonte legítima de conhecimento histórico.

Para isso, é necessário realizar questionamentos fundamentais: Como era? Como está? Quais mudanças ocorreram? Quais fatos importantes marcaram o lugar? Quem são os indivíduos envolvidos na construção dessa história e quais foram suas contribuições? Somente por meio dessas perguntas será possível conhecer a história de um lugar em sua profundidade.

É indispensável adentrar os espaços, observar suas transformações, ouvir os sujeitos e, pouco a pouco, reconstruir a história local, preservando suas memórias. No entanto, a conservação dessas memórias demanda pesquisas mais detalhadas, análise rigorosa dos fatos e, sempre que possível, o uso de acervos fotográficos, o que confere maior consistência à construção histórica.

Para iniciar essa trajetória, é preciso, antes de tudo, refletir: o que é história? Nas palavras de Silveira (2007, p.5), “história significa procurar, investigar”. Assim, a pesquisa torna-se elemento fundamental nesse processo, indo além da pesquisa bibliográfica tradicional. O pesquisador deve se valer de recursos como o **olhar, o ouvir e o escrever**, pois, conforme Oliveira (1996, p. 12), “é o que faz o pesquisador conhecer e aprofundar-se sobre o objeto estudado”.

Essa abordagem exige dedicação e sensibilidade. É necessário ir além do que os olhos comuns enxergam, observar minuciosamente os detalhes e escutar atentamente os relatos dos entrevistados para preencher lacunas históricas. Mais que tudo, é fundamental registrar esses relatos com fidelidade às palavras ditas, respeitando o sentido e o contexto de cada fala.

Nesse sentido, a história oral se apresenta como uma metodologia eficaz, especialmente quando os documentos tradicionais são escassos ou inexistentes. Como afirma Meihy (2006, p. 197):

O uso da história oral, portanto, deveria ser aplicado onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados em códigos dignificados por um saber acadêmico que se definiu longe das políticas públicas. Aspectos subjetivos, deformações dos fatos,

mentiras, fantasias, ilusões, seriam, pois elementos consideráveis para quem procura mais do que a “verdade” os motivos das “inverdades”

A história oral permite acessar aspectos subjetivos, fantasias, ilusões e até "inverdades", que, embora não sejam dados objetivos, são elementos importantes para compreender as múltiplas versões e sentidos atribuídos aos acontecimentos pelos sujeitos históricos. Meihy (2006, p. 198) ainda reforça: “O grande mérito desta proposta é ressaltar o confronto e as lutas internas a grupos que constroem a própria memória como forma de estabelecer o seu lugar no espaço democrático.”

Assim, a história local também se configura como um espaço de resistência, onde as vozes da comunidade ganham visibilidade e legitimidade. Para isso, é necessário um trabalho coletivo pautado por respeito, autonomia, responsabilidade, resiliência e compromisso ético. Como lembra Gil (1988), “a adoção de um ou de outro método depende de muitos fatores: da natureza do objeto que se pretende pesquisar”.

A construção da história requer também senso crítico, capacidade analógica, visão ampla e compreensão de processos sociais, políticos, econômicos e culturais. Nesse processo, o pesquisador deve construir argumentos com base em dados históricos, debater ideias e respeitar a diversidade de origens, etnias, gêneros, orientações e realidades.

Durkheim (1973) afirma que “a regra fundamental do sociólogo é tratar os fatos sociais como coisas”, destacando a importância da objetividade e da análise rigorosa dos fenômenos sociais. Compreender a história de um lugar como o Sítio Castelo, portanto, exige conhecer os indivíduos que, com suas vivências e ações, contribuíram para a construção dessa trajetória.

A partir dessa perspectiva, a história do Sítio Castelo foi construída com base na descrição oral, por meio dos relatos dos moradores mais antigos. Utilizou-se um questionário semiestruturado aplicado a pessoas consideradas referências no local, que contribuíram significativamente com suas memórias e orientações para o desenvolvimento da pesquisa. Foi possível, assim, identificar fatos, personagens e especificidades que compõem o local. O resultado é um enredo repleto de lembranças, memórias, causos e experiências de uma comunidade que, ao longo do tempo, tem construído sua identidade por meio da oralidade, da resistência e do saber popular.

2. DE SAMAÚMA À BEJA: UM CAMINHAR SOBRE A HISTÓRIA.

O distrito de Beja foi o berço da colonização de Abaetetuba. Por volta de 1635, padres capuchinhos vindos do Convento do Una, em Belém, após percorrerem os rios da região, juntaram-se a uma aldeia de tribos indígenas nômades. O aglomerado foi chamado de "Samaúma" e, depois, batizado de "Beja" pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Embora Francisco de Azevedo Monteiro seja considerado, no imaginário popular, o fundador, pois chegou para tomar posse desse território como proprietário de uma sesmaria. (PREFEITURA DE ABAETETUBA, 2023).¹

Contam os historiadores que por volta de 1635 padres capuchos vindos do Convento do Una, na Capital Belém, após percorrerem os rios da região, juntaram-se a uma aldeia de tribos nômades, a tribo Mortiguar, provavelmente originária da ilha de Marajó, do outro lado da baía. O aglomerado foi inicialmente denominado Samaúma e depois batizado de Beja por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Marquês de Pombal. (FERREIRA 2014, p. 20)

Nesse cenário, encontramos o Sítio Castelo, localizado na Vila de Beja às margens do Rio Arapiranga de Beja. Na Vila, conseguimos ver ainda outros lugares de exuberante beleza como praia de água doce às margens do Rio Pará, onde podemos apreciar o pôr-do-sol. Outro ponto bem conhecido é o igarapé conhecido como Maria Corôa, segundo o acervo da prefeitura (2023) era o “local onde as primeiras embarcações ancoraram com os padres capuchinhos”.

2.1 CONHECENDO O SÍTIO CASTELO

A história contada registra que “em 1635 os padres Capuchinhos chegam ao aldeamento Samaúma e posteriormente ao Rio Arapiranga que fica seguindo a extensão da praia, logo na entrada do rio pode-se avistar o lugar conhecido como Castelo” (PREFEITURA DE ABAETETUBA, 2023). Segundo Sabina Cardoso (84 anos)² “os indígenas habitavam este lugar posteriormente as

¹ HISTÓRIA DE ABAETETUBA. Disponível em <https://www.abaetetuba.pa.gov.br/omunicipio.php> acesso em 24 de março de 2023.

² Sabina Araci Cardoso Melo, 84 anos, Aposentada, viúva, moradora do local há 84 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 11/ 2022.

famílias Paixão e Cardoso começam a habitar o lugar e atualmente a família Cardoso Melo ocupa o lugar”.

O Sítio Castelo ou somente Castelo como é mais conhecido, fica localizado na Vila de Beja no município de Abaetetuba- Pará. O meio de locomoção é pela rua, de carro, a pé, de moto e bicicleta e pelo Rio de rabetá, barco grande ou pequeno pelo rio Arapiranga que banha a localidade, como observado na imagem abaixo.

Foto 1 – Rio Arapiranga



Fonte: Acervo da autora (2023)

O bairro cresceu muito em número de habitantes desde sua criação. Na rua principal, podemos perceber que possui bastantes casas, isso na extensão toda do ramal, o local é habitado por pescadores, lavradores, agricultores e ribeirinhos que vivem da pesca, do extrativismo e da cultura de fazer roça, muitos estão associados em seus respectivos sindicatos e na AMSETEB (Associação Multisetorial dos Empreendedores de Beja) alguns moradores trabalham no Polo Industrial de Barcarena, outros, em um número pequeno são funcionários públicos municipais e estaduais.

A maioria das casas é construída em alvenaria, possuem fossa séptica no próprio quintal, com água encanada da Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA) e tem energia elétrica fornecida pela empresa Equatorial Energia.

Na área da educação, a comunidade possui a Escola Municipal de Educação Infantil Rosa Maués Carvalho (FOTO 2), a Escola Municipal Maria do Carmo e Escola Estadual São Miguel de Beja, atendendo aos moradores da Vila e adjacências da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Foto 2 – Escola Rosa Maués Carvalho



Fonte: Acervo da autora (2023)

A saúde é atendida pela Unidade Básica de Saúde (UBS), tendo no seu atendimento a aplicação de vacinas, consultas médicas (no horário da manhã e da tarde) e à noite o atendimento de emergência e primeiros socorros é feito por um enfermeiro, já os casos mais complexos são encaminhados para a cidade de Abaetetuba. O CRAS (Centro de Referência a Assistência Social), localizado onde era a antiga igreja assembleia de Deus (FOTO 3), que nos últimos anos se mobiliza apenas em campanhas específicas, ficando assim o atendimento mais para o cadastro dos programas do Governo Federal.

Foto 3 – Prédio que abriga o centro de referência a Assistência Social



Fonte: Acervo da autora (2023)

Na Vila existem cinco igrejas católicas, dentre elas a Igreja de São Miguel Arcanjo, que é a mais antiga do município de Abaetetuba, fundada em 1638. Existe também várias igrejas evangélicas, como podemos observar abaixo:

Foto 4 – Igreja São Miguel Arcanjo



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Foto 5 – Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Foto 6 – Igreja Adventista do Sétimo Dia



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Foto 7 – Igreja do Evangelho Quadrangular



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Além das igrejas, a Vila conta com espaços de lazer como a Praça de São Miguel, a Praça Osni Barros no centro da Vila, quadra poliesportiva, campo de futebol e casa de shows. Abaixo, imagens 8 e 9, respectivamente, temos a foto do campo de futebol municipal e do campo da família Cardoso.

Foto 8 - Campo de Futebol Municipal



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Foto 9 - Campo da família Cardoso



Fonte: Acervo da Autora (2023)

2.1.1 O Sítio Castelo Hoje: Turismo, Memória E Desafios

Durante o mês de julho, período da alta temporada, a Vila de Beja, normalmente pacata, torna-se bastante movimentada. Com a chegada das férias escolares e o início do veraneio, a população local chega a triplicar. A praia e o Sítio Castelo tornam-se os principais pontos turísticos da região, sendo também espaços que preservam parte da história e da identidade cultural da comunidade. Abaixo tem-se a imagem do balneário

Foto 10 – Balneário às margens do rio



Fonte: Autoria Própria (2023)

Apesar das belezas naturais e do potencial turístico do local, é evidente o descaso por parte do poder público. Observa-se a ausência de políticas públicas eficazes, sobretudo no que diz respeito à infraestrutura urbana: a rede de esgoto

é deficiente, há construções desordenadas, escassez de lixeiras nas ruas e acúmulo de lixo em diversos pontos da vila. Ainda que a responsabilidade seja compartilhada, a população também contribui para o agravamento desses problemas.

Além das questões urbanas, há preocupações ambientais que vêm se intensificando ao longo dos anos. A derrubada da vegetação nativa compromete o ecossistema local e impacta negativamente a paisagem natural. Soma-se a isso a perceptível elevação das temperaturas, o que torna o clima da vila progressivamente mais quente.

Esses desafios contemporâneos reforçam a necessidade de ações conjuntas entre poder público, comunidade local e visitantes. O cuidado com o patrimônio ambiental e histórico da vila é essencial para garantir que a memória e a história construídas ao longo do tempo não se percam diante da negligência e do avanço desordenado do uso do solo. Valorizar o passado é também cuidar do presente e garantir um futuro sustentável para as próximas gerações. Como destaca Choay (2001, p. 18), “a preservação do patrimônio não deve ser vista apenas como conservação do passado, mas como um ato de responsabilidade com o presente e compromisso com o futuro.”

2.2 COMO SURTIU O SÍTIO CASTELO: A HISTÓRIA DE SEU PROCÓPIO.

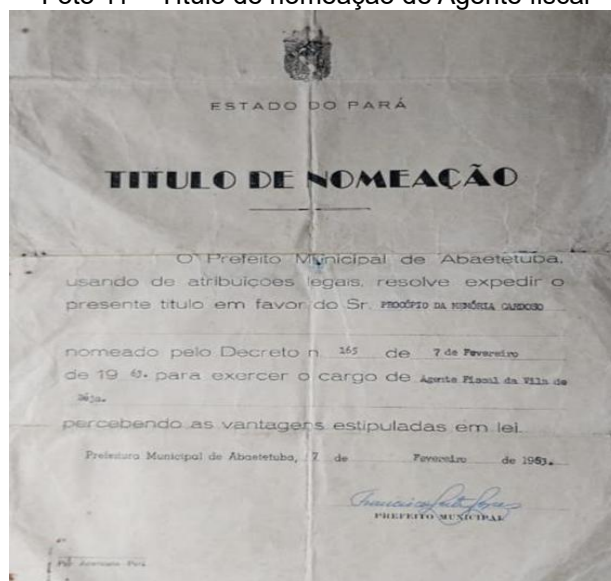
Para entender como surgiu o nome “Sítio Castelo”, é necessário conhecer a história de um de seus primeiros moradores: Procópio da Memória Cardoso, conhecido como "Mintirito". Nascido em 1900, ele viveu toda sua vida na região, casou-se com dona Maria da Paixão Cardoso (“Mingrande”) e teve nove filhos. Durante sua vida, ajudou a transformar a paisagem local e consolidou o espaço da família, que antes era conhecido como “Sítio Nazaré” (nome usado desde a década de 1860). Segundo Sabina Cardoso (84 anos), foi com a presença e o crescimento da família de Seu Procópio, associada talvez à construção de alguma estrutura imponente ou à força da família na região, que o lugar passou a ser chamado de “Sítio Castelo”.

A história do Sítio Castelo, contada a partir da figura de seu Procópio, ilustra como a memória individual e familiar pode contribuir para a construção da

identidade de um lugar. Segundo Halbwachs (1990), “a memória coletiva é sempre apoiada por grupos sociais, que a mantêm viva e a transmitem”. Nesse sentido, a lembrança de Sabina Cardoso sobre a mudança de nome de "Sítio Nazaré" para "Sítio Castelo" revela como a presença marcante de uma família, sua atuação no território e os vínculos afetivos construídos ali ajudaram a ressignificar o espaço.

Seu Procópio foi um dos primeiros moradores do Sítio Castelo, e com ele a história local começou a ser contada. Reconhecido por sua atuação na comunidade, ele foi nomeado Agente Fiscal da Vila de Beja, como comprova um documento oficial da época (foto 11). Sua nomeação evidencia a confiança que a população e o poder público depositavam em seu trabalho e liderança.

Foto 11 – Título de nomeação de Agente fiscal



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Ainda que a origem exata do nome "Castelo" não esteja documentada formalmente, o testemunho de Sabina tem valor histórico, pois representa a história oral, que segundo Ecléa Bosi (1994), é fundamental para compreender os sentidos que os sujeitos atribuem ao passado. Assim, o nome “Sítio Castelo” não é apenas um topônimo, mas um símbolo da trajetória de seu Procópio e da memória afetiva de toda a comunidade local.

Os moradores contam que:

Subindo o Rio Arapiranga, do lado esquerdo, no lugar conhecido como Sítio Castelinho, era possível encontrar uma mercearia do Senhor Procópio da Memória Cardoso, a qual chamavam de Castelinho, por

ficar em uma área elevada do lugar, era preciso subir uma escada que ficava bem empinada, para se chegar à mercearia. (M.C. C, 74 anos).³

Essa fala moradora traz uma contribuição importante para a memória do Sítio Castelinho, pois revela aspectos do cotidiano e da geografia afetiva da comunidade. O relato destaca não apenas a existência da mercearia do Senhor Procópio da Memória Cardoso como um ponto de referência local, mas também o motivo pelo qual o lugar passou a ser chamado de "Castelinho" - uma área elevada, de acesso difícil, marcada por uma escada íngreme. Essa descrição reforça como os nomes dos lugares estão profundamente ligados às experiências vividas e à forma como os moradores interpretam e nomeiam os espaços com base em suas práticas e memórias. Trata-se, portanto, de um exemplo claro de como a oralidade ajuda a preservar e a significar o território, associando elementos físicos a lembranças afetivas e sociais. Abaixo temos a foto vista do rio Arapiranga, espaço onde ficava a mercearia.

Foto 12- Vista para o rio onde ficava a mercearia do senhor Procópio



Fonte: Acervo da Autora (2023)

O local era ponto de partida do Círio de São Miguel e, com o tempo, tornou-se referência para a comunidade. A história oral, através de entrevistas com moradores como Sabina Cardoso (84 anos) e M.C.C. (74 anos), revela como a mercearia, os festejos religiosos e o comércio local contribuíram para a identidade do Sítio Castelo.

Dona Sabina relata que:

³ M. C. C, 74 anos, professora aposentada, nascida e criada na localidade. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/05/2023

Era tradição o círio sair da antiga residência do senhor Procópio e de dona Maria da Paixão, onde morava o seu filho Nei junto com a família de dona Sabina a qual reside até hoje no lugar. Isso ocorreu quando o senhor Procópio veio a óbito, e dona Maria da Paixão foi morar em outra casa da família que ficava próximo a igreja de São Miguel, no centro da Vila, ao redor da atual Praça de São Miguel Arcanjo. (SABINA CARDOSO, 84 anos)⁴

Esse trecho evidencia como os elementos da vivência cotidiana — como a mercearia, os festejos religiosos e o comércio local — desempenharam um papel fundamental na construção da identidade coletiva do Sítio Castelo. A partir dos relatos orais de moradores mais antigos, percebe-se que o Círio de São Miguel não era apenas um evento religioso, mas também um marco simbólico e geográfico que fortaleceu os laços comunitários e consolidou o nome do local. A memória viva dessas experiências, transmitida pelas gerações, é essencial para compreender como se formam os vínculos afetivos e a noção de pertencimento em comunidades rurais.

O relato de Sabina Cardoso mostra como a história do Sítio Castelo se constrói a partir das vivências simples e significativas do povo. A casa de sua família era o ponto de partida do Círio de São Miguel, o que revela que a fé e as tradições religiosas estavam profundamente ligadas à vida da comunidade. Quando sua mãe se mudou para mais perto da igreja após a morte do marido, esse ato simbolizou a continuidade da devoção e o fortalecimento dos laços com o sagrado.

Paulo Freire (1987, p. 68) afirma que “**não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes**”. Essa perspectiva valoriza os saberes populares e reforça a importância de ouvir as histórias dos moradores como forma legítima de conhecimento. Ao dar voz às experiências do povo, resgatamos práticas que revelam como a comunidade compreende e constrói sua própria história.

Além disso, Michel de Certeau (1994) observa que “**o espaço é um lugar praticado**” (p. 202), ou seja, os significados do território não estão apenas em sua localização física, mas nas ações cotidianas que lhe dão sentido. Assim, o Sítio Castelo não é apenas um nome, mas um espaço vivo, tecido por

⁴ Sabina Araci Cardoso Melo, 84 anos. Aposentada, viúva, nascida e criada na localidade. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/11/2022

experiências como os festejos do Círio, o funcionamento da mercearia e a vida em comunidade.

Dessa forma, reconhecer o valor dessas memórias é compreender que a identidade do Sítio Castelo é resultado de uma construção simbólica coletiva, fundamentada na memória, na fé e nos laços comunitários.

Esse trecho evidencia de forma simbólica o contraste entre passado e presente no Sítio Castelinho. A menção ao local onde funcionava a mercearia do senhor Procópio — hoje coberto por um matagal — representa não apenas a transformação física do espaço, mas também a perda de um ponto de convivência comunitária, que outrora teve relevância no cotidiano dos moradores. A imagem do mato que cobre o que antes era um espaço de encontro, comércio e sociabilidade sugere o apagamento gradual de memórias vivas.

A entrevista com Sabina Araci Cardoso Melo (84 anos), moradora do local desde o nascimento, reforça o valor da história oral como meio de resgatar e manter vivas essas lembranças. Seu testemunho, aliado ao registro fotográfico do presente, contribui para a compreensão da dinâmica histórica e da importância da preservação da memória coletiva.

3. MUDANÇAS AO LONGO DO TEMPO: RELATOS DO POVO.

A história dos lugares é construída a partir das experiências vividas por seus habitantes. Os saberes, tradições e acontecimentos que compõem a memória coletiva são, muitas vezes, transmitidos por meio da oralidade, o que confere à história oral um papel central na preservação e interpretação do passado.

Neste contexto, os relatos dos moradores do Sítio Castelo revelam aspectos importantes das transformações ocorridas ao longo do tempo. Um dos primeiros questionamentos levantados foi sobre a origem do nome “Sítio Castelo”. A esse respeito, destaca-se a fala de Dona Sabina Cardoso, que afirmou: “*O rio podia ser atravessado num mergulho*”. Sua memória remete a uma época em que o Rio Arapiranga apresentava um leito estreito e margens cobertas por vegetação densa.

Com o passar dos anos, no entanto, fatores naturais, como a erosão, e ações antrópicas, como o desmatamento das margens, provocaram alterações significativas na paisagem. A vegetação ribeirinha foi desaparecendo, e o rio alargou-se, transformando-se diante dos olhos da comunidade. Tais mudanças são lembradas com clareza por muitos moradores, que testemunharam esse processo de transformação ambiental e social. Ainda segundo ela:

O rio que podia ser atravessado num mergulho, hoje está bem mais largo. Por volta de 1960 ele podia ser atravessado a pé, seu leito era raso, e do outro lado da margem tinha uma praia que quando a maré baixava descobria uma linda praia, ai a gente podia desfrutar de um lugar bom para tomar banho. (SABINA CARDOSO, 84 anos)⁵

A lembrança de Dona Sabina Cardoso revela muito mais do que mudanças físicas no Rio Arapiranga — ela carrega um saber que vem da experiência vivida e compartilhada, um conhecimento que Paulo Freire (1996) reconhece como essencial na construção da identidade cultural de um povo. Quando ela diz que “o rio podia ser atravessado num mergulho” e que existia uma linda praia quando a maré baixava, está transmitindo não apenas uma

⁵ Sabina Araci Cardoso Melo, 84 anos. Aposentada, viúva, nascida e criada na localidade. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/11/2022

informação, mas uma vivência coletiva, marcada pelo afeto e pela convivência comunitária.

Freire defende que o saber popular é legítimo e deve ser valorizado no processo educativo e na leitura do mundo. A memória de Dona Sabina nos ajuda a entender como o rio era integrado à vida das pessoas, como espaço de lazer, encontro e pertencimento. No entanto, com as transformações ambientais causadas pela ação humana e pela falta de cuidado com a natureza, esse espaço foi perdendo suas funções sociais e afetivas.

Dessa forma, o relato não apenas preserva a história do lugar, mas também denuncia a perda de um bem comum. Ouvir e registrar essas memórias é um ato de resistência e valorização da cultura local — um passo necessário para conscientizar sobre a importância de cuidar do território e fortalecer os vínculos entre as gerações.

Outros, ainda destacam os “donos da terra”:

Quando eu me entendi o Castelinho já existia, o rio também sempre foi Rio Arapiranga, uma extensão bem grande a beira do rio subindo era da família Paixão Cardoso e o terreno fazia divisa com o finado Luzinan, é a parte onde hoje se encontra a fazenda do senhor Michel. Só não foi vendido o terreno que pertence à família Pereira Paixão. (M. C. S, 74 anos)⁶

O depoimento de M.C.S., ao afirmar que "quando me entendi o Castelinho já existia" e ao identificar as famílias Paixão Cardoso e Pereira Paixão como antigas ocupantes do território, revela um saber profundamente enraizado na experiência vivida. Segundo Paulo Freire (1996), os sujeitos históricos são formados na prática cotidiana e por meio dela desenvolvem uma leitura crítica do mundo. Assim, o morador não apenas descreve a ocupação da terra, mas também denuncia silenciosamente os processos de transformação e, possivelmente, de perda de vínculos com o território.

Freire nos ensina que "não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes". O relato de M.C.S. é um exemplo disso: uma forma legítima de conhecimento sobre o lugar, construída com base na observação direta e na transmissão oral entre gerações. Ao apontar que "só não foi vendido o terreno

⁶ M.C.S, 74 anos, professora aposentada, moradora do local há 74 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 05/ 2023.

da família Pereira Paixão", a fala sugere que, ao longo do tempo, parte do território mudou de mãos, transformando-se em fazenda de terceiros, o que pode indicar processos de concentração fundiária e de afastamento das famílias tradicionais.

Ouvir essas memórias e dar-lhes valor é um ato político e pedagógico. É reconhecer o lugar das pessoas simples na construção da história, e é também um passo para desenvolver uma consciência crítica sobre as dinâmicas de terra, poder e identidade em contextos locais.

Atualmente, além dos moradores tradicionais, observa-se a presença de novos proprietários que adquirem terras na região com a intenção de construir balneários e utilizá-los nos finais de semana. Esse crescente interesse por estabelecer moradia, ainda que temporária, está relacionado à riqueza ambiental e paisagística do território, marcada por rios, matas e belas praias de água doce.

Entre os atrativos mais valorizados estão as praias que surgem com a maré baixa. Um exemplo citado por moradores é a **praia do lapi**, localizada na boca do rio, cuja faixa de areia se revela durante o movimento da maré. Mais à frente, destacam-se também a **praia de Beja** e a **praia da Frecheira**, todas visíveis em momentos específicos do ciclo das águas, compondo um cenário de rara beleza natural.

Assim nos relata uma moradora:

A praia da Frecheira só se passa de casco pequeno, porque seca e tem muita pedra bem no meio do rio, barco só passa de maré cheia. Nessa praia, os pescadores costumam colocar matapi para a pesca de camarão, bem mais a diante fica o estuário de peixe, e este rio que passa ai é o rio Pará. (C.P.P, 65 anos)

O relato de C.P.P., de 65 anos, revela um conhecimento profundo e empírico do território, construído por meio da convivência direta com o ambiente. Ao descrever as condições de navegação da praia da Frecheira — onde apenas cascos pequenos podem passar devido à presença de pedras e à variação da maré —, o morador demonstra domínio das características físicas do rio, algo essencial para a vida dos pescadores locais.

Além disso, menciona práticas tradicionais como o uso do *matapi* para a pesca de camarão, evidenciando técnicas sustentáveis e culturalmente enraizadas na comunidade. Sua referência ao estuário de peixe e à identificação

do rio Pará como parte desse sistema natural reforça a relação íntima entre os moradores e os elementos da paisagem. Esse tipo de saber, muitas vezes ignorado pelos registros oficiais, é essencial para compreender como o território é vivido, nomeado e manejado pela população local.

Ainda hoje é possível observar as mudanças ocorridas na paisagem e apreciar as belas praias da região. No entanto, antes de ser conhecido como Sítio Castelo, o local abrigou diversas atividades econômicas ao longo de sua história, como a coleta do leite da seringueira, a instalação de uma olaria e, posteriormente, de uma fábrica de palmito. Essas vivências são lembradas e contadas pelos moradores antigos:

A olaria era do senhor “Borracha” e do senhor “Moreno” eles passaram para o senhor Ali, que depois doou para o senhor Manoel Melo esse lugar para pagar dívida, no caso apenas um espaço do lado direito que tinha uma gruta como divisa. Esse espaço era o Sítio Nazaré. Existia um caminho que era o centro da Vila e chegava à igreja de São Miguel, padroeiro da comunidade. (C.P.P, 65 anos)⁷

O relato de C.P.P., de 65 anos, oferece informações valiosas sobre a dinâmica fundiária e econômica do território ao longo do tempo. Ao mencionar a passagem da olaria entre diferentes proprietários — do senhor “Borracha” e “Moreno” para o senhor Ali, e deste para Manoel Melo —, evidencia-se como as trocas de terra estavam ligadas não apenas a atividades produtivas, mas também a relações de dívida e acordos informais, comuns em contextos rurais.

O destaque para a *gruta como divisa* e a identificação do espaço como Sítio Nazaré revelam a importância dos marcos naturais na delimitação territorial tradicional. Além disso, a referência ao caminho que ligava o centro da vila à igreja de São Miguel mostra como o espaço era articulado entre economia, fé e convivência comunitária, reforçando o valor simbólico e funcional da paisagem na vida cotidiana dos moradores.

Outra moradora faz um relato como era o Sítio Castelo:

Onde hoje é o sítio Castelo, era o Sítio Nazaré que pertencia a dona Luzia mais conhecida como dona Lulu. Na década de 1960 ela vende o terreno que lhe pertencia para um senhor conhecido como

⁷ C.P.P, 65 anos, agricultora, viúva, morador do local há 65 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 12/ 2022.

“Borracha”, esse senhor com seu irmão então montam uma olaria, faziam tijolos e telhas, funcionaram por um tempo, e por falta de matéria- prima (barro) os irmãos resolveram vender a então fábrica, que já não funcionava, vendem para um senhor chamado Ali, que montou no antigo barracão uma fábrica de palmito que tinha o nome de “Palpi” que também por falta de matéria-prima faliu. Na época o senhor Ali contratou o senhor Manoel Melo e seu filho Miguel para zelarem pelo lugar. Depois de mais ou menos uns seis anos, o senhor Ali deu ao senhor Manoel Melo o lugar para pagar a dívida que foi acumulada ao longo dos anos. (M.P, 78 anos)⁸

Essas histórias hoje são contadas aos mais novos para que não desapareça ao longo do tempo e é notório nas falas as mudanças que ocorreram no decorrer dos anos e tais mudanças os moradores guardam na memória. Uma das moradoras destaca que:

O Rio Arapiranga era bem estreito dava para atravessar o rio em um mergulho de uma margem a outra, do lado de lá com a maré baixa descobria uma linda praia, hoje com a erosão da margem a praia não descobre mais com a maré baixa, mas da para ficar de pé em alguns pontos do outro lado. (C.P.P, 65 anos)⁹

O alargamento do rio é algo que marcou bastante a vida dos moradores, o que é notado na fala dos entrevistados. O lugar onde era o Castelinho que também dava nome para a mercearia, hoje só é possível observar um enorme matagal, até a pouco tempo ainda tinha no terreno uns tocos que era da casa que existia lá. Outro fato interessante destacado era a presença de plaquinhas com o nome da família.

Dona Sabina ressalta que:

Era comum nessa época que todas as casas ou lugares terem nomes, tinha sempre uma plaquinha de tábuas com o nome escrito, outras tinham o sobrenome escrito, sobrenome daquela família. Havia muitas árvores grandes, mas hoje já não tem árvores desse porte. “(SABINA CARDOSO, 84 anos)¹⁰

⁸ M.P, 78 anos, aposentada, casada, morador do local há 78 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 09/ 05/ 2022. ²⁷ C.P.P, 65 anos, agricultora, viúva, morador do local há 65 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 12/ 2022.

⁹ C. P. P, 65 anos, agricultora viúva, moradora do local há 65 anos. Entrevista concedida à Luzia Cardoso em 15/12/2022

¹⁰ Sabina Araci Cardoso Melo, 84 anos, Aposentada, viúva, moradora do local há 84 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 11/ 2022.

O relato de Sabina Cardoso, ao lembrar que "todas as casas ou lugares tinham nomes", evidencia um tempo em que a identidade das famílias e dos espaços estava fortemente marcada na paisagem local. A presença de placas com nomes e sobrenomes revela uma organização comunitária baseada na memória familiar e na valorização da história oral. Além disso, a menção às "muitas árvores grandes", que já não existem, aponta para mudanças ambientais significativas, indicando um processo de transformação do espaço que afeta tanto a natureza quanto os vínculos simbólicos com o lugar.

Além das transformações na paisagem e na identidade dos espaços, o comércio local também passou por mudanças significativas ao longo do tempo. A Vila era, antigamente, organizada, com um comércio ativo que atendia às necessidades da comunidade. Essa organização refletia não apenas um modo de vida mais coletivo, mas também a importância das relações de vizinhança e da economia local. Segundo o relato de um dos moradores

A dona Luzia (Lulu) fazia uma espécie de inspeção na mercadoria que ia para Abaeté, ela fiscalizava e colocava uma taxa de cada embarcação que levava a mercadoria. Isso era feito qualquer dia, a hora que fosse esse trabalho tinha que ser feito. Esse transporte era feito de casco a vela, nessa época ainda os barcos eram movidos à vela. Os barcos que navegavam no rio, tinham uma espécie de remo que dava o nome de ginga ou "faia" com remo de cabo bem longo, era apoiado no beijo ou na parte de trás do barco ou canoa. (SABINA CARDOSO, 84 anos)¹¹

Esse relato resgata uma prática essencial para a dinâmica comercial da época: a atuação de figuras locais como Dona Luzia (Lulu), que exerciam funções de controle e organização sobre a saída de mercadorias da Vila. Sua atividade, realizada com seriedade e compromisso, revela uma rede de trabalho comunitário eficiente e enraizada. A descrição das embarcações e instrumentos de navegação — como a "ginga" ou "faia" — também remete a um tempo em que o rio era protagonista da vida cotidiana, evidenciando a importância da cultura ribeirinha nas práticas econômicas e sociais locais.

¹¹ Sabina Araci Cardoso Melo, 84 anos, Aposentada, viúva, moradora do local há 84 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 11/ 2022.

Nesse contexto, o depoimento de Sabina Cardoso acrescenta uma lembrança marcante sobre o funcionamento do comércio e dos transportes.

O transporte de cargas do comércio era realizado, em grande parte, por meio de embarcações simples, como nos conta M.C.S. (74 anos). Um dos moradores que se destacava nessa atividade era o senhor Mintirito, que, assim como muitos outros da época, utilizava uma canoa para levar mercadorias pelos rios da região.

O senhor *Mintirito* tinha uma canoa que ele viajava o nome era “A vencedora ele viajava para Belém, fazia as compras lá na capital e voltava cheio de produtos para revender na mercearia, essa mercearia era uma espécie de supermercado como temos hoje, com vários espaços onde se vendia de tudo um pouco. Era muito comum nessa época as pessoas serem chamadas e conhecidas pelos apelidos, ainda hoje é muito comum as pessoas do lugar serem conhecidos e chamados assim. (M.C.S, 74 anos)¹²

O depoimento de M.C.S. traz à tona a figura de senhor Mintirito, personagem emblemático do comércio local, cuja canoa “A Vencedora” simboliza o esforço e a autonomia dos comerciantes ribeirinhos da época. A prática de viajar até Belém para abastecer a mercearia mostra a conexão entre o interior e a capital, além de destacar a importância das redes fluviais para a economia regional. A mercearia, descrita como um “supermercado” da época, revela a diversidade e relevância desses estabelecimentos para a vida cotidiana. A referência aos apelidos, por sua vez, reforça os laços de proximidade e identidade comunitária, elementos marcantes da cultura local que persistem até hoje.

O local conhecido como Castelinho apresentava, segundo os moradores, uma beira alta — característica geográfica que ainda hoje pode ser observada. No entanto, a paisagem ao redor passou por mudanças significativas. A vegetação nativa foi drasticamente alterada, tanto pela ação da erosão quanto pela derrubada de árvores para extração de madeira e produção de carvão. Árvores imponentes, como o famoso piquizeiro — vinculado à família Paixão Cardoso —, resistem como símbolos da memória ambiental do lugar. Ainda é

¹² M.C.S, 74 anos, professora aposentada, casada, moradora do local há 74 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 11/ 05/ 2023

possível vê-lo, assim como a árvore de bacuri, próximos ao leito do Rio Arapiranga. No entanto, os relatos orais indicam que, antigamente, essas árvores se encontravam a uma distância considerável da margem, evidenciando o avanço do processo erosivo e a modificação do espaço natural.

Essas transformações não se limitam à natureza. O espaço físico do Castelinho também foi cenário de vivências marcantes para a comunidade, como os bailes realizados na casa grande — momentos de sociabilidade que ainda hoje são lembrados com nostalgia pelos moradores. Nesse sentido, como destaca Halbwachs (1990), **a memória coletiva é construída a partir das relações sociais e dos espaços onde as experiências são vividas**, sendo os lugares carregados de significados que ultrapassam sua materialidade. Assim, o Castelinho não é apenas um ponto geográfico, mas um território simbólico onde se entrelaçam natureza, história e cultura.

Foto 13 – Entrada do Sítio Castelo



Fonte: Acervo da Autora (2023)

Entre as lembranças que ainda vivem na memória dos moradores, destacam-se os famosos bailes realizados na casa grande — momentos que marcaram profundamente a vida social da comunidade. Como propõe Pierre Nora (1993), os “**lugares de memória**” são espaços em que a história se ancora por meio das lembranças, tradições e representações sociais. O Castelinho, nesse contexto, constitui-se como um verdadeiro lugar de memória para a comunidade — não apenas por sua configuração física, mas por concentrar vivências afetivas e práticas sociais que compõem a identidade local.

A casa grande do senhor Mintirito e de dona Mingrande era onde faziam os grandes bailes da época, essas festas principalmente no período do carnaval eram muito animada e dava bastantes pessoas, naquela época eram os blocos de carnaval, onde cada pessoa fazia sua própria fantasia para dançar, era muito bonito e participativa, só perdia para a festividade de São Miguel Arcanjo, que acontecia de 19 a 29 de setembro, as famílias se mudavam para a Vila de Beja para a festividade. (M.P, 78 anos)¹³

O depoimento revela a importância da casa grande do senhor Mintirito e da dona Mingrande como centro de sociabilidade e lazer da comunidade, especialmente durante o carnaval. As festas eram momentos de intensa participação coletiva, em que a criatividade e o espírito festivo se manifestavam nas fantasias e nos blocos improvisados, fortalecendo os laços sociais. Além disso, a referência à festividade de São Miguel Arcanjo evidencia a forte ligação entre as celebrações religiosas e a mobilização das famílias, que se deslocavam para a Vila de Beja, demonstrando a centralidade desses eventos na vida cultural e identitária da comunidade. Um dos entrevistados lembra que:

As pessoas se programavam para esse evento durante o ano todo. Lembro da casa onde a família se reunia de tarde para conversar e tomar aquele cafezinho puro, plantado no próprio quintal, na frente da casa que tinha uma areia branca, tinha abieiro, cacauzeiro, bacurizeiro, ingazeiro, açazeiro e outras frutas e plantas. (M.P, 78 anos) ¹⁴

Esse relato de M.P. (78 anos) revela não apenas a expectativa em torno de um evento comunitário importante, mas também resgata com sensibilidade o cotidiano afetivo das famílias do Sítio Castelo. A cena descrita — da reunião familiar, do cafezinho cultivado no próprio quintal, das conversas à sombra das árvores frutíferas — expressa uma forte ligação entre **memória, natureza e sociabilidade**. O ambiente descrito valoriza o quintal como um espaço simbólico de convivência e fartura, onde o cultivo da terra e os laços familiares se

¹³ M.P, 78 anos, aposentada, casada, morador do local há 78 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 09/ 05/ 2022.

¹⁴ M.P, 78 anos, aposentada, casada, morador do local há 78 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 09/ 05/ 2022.

entrelaçam. Essa memória carrega um sentimento de pertencimento e identidade local, evidenciando como as práticas simples e comunitárias ajudavam a tecer o tecido social do lugar.

Ao relembrar os tempos antigos vividos no Sítio Castelo, os moradores destacam aspectos da vida cotidiana que, apesar das limitações materiais, eram marcados por fortes laços familiares e práticas culturais significativas. O rádio, por exemplo, surgia como uma das principais fontes de informação e entretenimento, sendo valorizado nas casas que podiam adquirir esse recurso. No entanto, seu uso também refletia os valores e as tensões sociais da época, especialmente no que diz respeito às relações de gênero. Como lembra Sabina Cardoso, de 84 anos:

Eram tempos bons, a família sempre se reunia, quando se tinha condições algumas famílias tinham rádio à pilha onde a gente escutava a “voz do Brasil” para saber as notícias e ficar informado; e também escutava as novelas pelo rádio. Muitas vezes os homens proibiam as mulheres de escutarem o rádio; diziam que isso levava a perdição, que só colocava ideia errada na cabeça das mulheres casadas. (SABINA CARDOSO, 84 anos)¹⁵

O depoimento de Sabina Cardoso evidencia não apenas o valor cultural do rádio nas comunidades rurais, mas também revela tensões em torno do acesso feminino à informação e ao entretenimento. A proibição do uso do rádio por parte das mulheres, justificada por argumentos morais, reflete estruturas patriarcais que buscavam controlar não apenas o espaço físico, mas também o simbólico. Como afirma Joan Scott, “as relações de gênero são formas primárias de dar significado às relações de poder”¹. Nesse sentido, o medo de que o rádio “colocasse ideias erradas na cabeça das mulheres” demonstra a tentativa de preservar papéis tradicionais de gênero frente às transformações trazidas pela modernidade e pelos meios de comunicação.

Além da proibição que algumas mulheres enfrentavam para ouvir as novelas no rádio, outro desafio marcava a vida delas e de toda a comunidade: o acesso à escolaridade. Dona Sabina Cardoso (84 anos) recorda que, naquela época, a educação formal ia, em geral, apenas até a 4^a série primária. “Se a

¹⁵ Sabina Araci Cardoso Melo, 84 anos, Aposentada, viúva, moradora do local há 84 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 11/ 2022.

pessoa soubesse ler, escrever e as quatro operações, já podia dar aula”, comenta. Para continuar os estudos, era necessário se deslocar até a cidade de Abaetetuba, onde funcionava o colégio Basílio de Carvalho.

A vida na Vila também mudou em relação à paisagem e ao ambiente. Segundo os moradores, antigamente os caminhos eram todos sombreados, cobertos por árvores que protegiam do sol e tornavam a caminhada mais agradável. Hoje, com a urbanização e o asfaltamento do ramal, restaram poucas árvores, como algumas mangueiras. Caminhar por ali, agora, é muito mais quente e árido — reflexo das mudanças no uso do solo e da diminuição da vegetação local.

4. A IMPORTÂNCIA DOS ACONTECIMENTOS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL

As memórias dos moradores mais antigos do Sítio Castelo são essenciais para reconstruir aspectos significativos da vida cotidiana em tempos passados, especialmente no que se refere à falta de infraestrutura básica. Em meados do século XX, a ausência de serviços como água encanada e energia elétrica impactava diretamente a rotina das famílias, exigindo adaptações constantes. O depoimento de M.C.S. (74 anos) revela não apenas essas dificuldades, mas também a capacidade de resistência e reinvenção da comunidade diante das limitações impostas pela realidade da época.

Não existia água encanada, a água era retirada do rio quando a maré estava baixa e era armazenada em potes e bilha de barro, também não havia energia elétrica, a luz era de lamparina ou lampião a querosene. No rio existia fartura de peixe. O círio de São Miguel saía da casa grande. (M.C.S, 74 anos)¹⁶

Esse relato de M.C.S. (74 anos) oferece uma rica descrição do cotidiano no Sítio Castelo em tempos de ausência de infraestrutura básica, revelando tanto as dificuldades enfrentadas quanto os modos de adaptação da comunidade. A falta de água encanada e de energia elétrica era compensada por práticas tradicionais, como o armazenamento de água em potes e bilhas de barro e o uso da lamparina a querosene para iluminação — recursos simples, mas fundamentais para a sobrevivência e organização doméstica.

Ao mesmo tempo, o depoimento também destaca elementos de abundância e identidade cultural, como a fartura de peixe no rio e a realização do Círio de São Miguel, que saía da casa grande. Esses aspectos revelam uma convivência estreita com o meio natural e uma vida comunitária marcada por fé, tradição e solidariedade. A memória de M.C.S., portanto, não apenas resgata carências materiais, mas reafirma os valores e práticas que sustentavam a vida no local, mesmo em condições adversas.

¹⁶ M.C.S, 74 anos, professora aposentada, casada, moradora do local há 74 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 11/ 05/ 2023

Nessa época, apenas algumas famílias viviam no local. A vida era difícil, marcada pela ausência de infraestrutura, mas, ao mesmo tempo, havia um forte senso de comunidade, e o lugar era considerado maravilhoso por seus moradores. Muitos sobreviviam da pesca, e os momentos de lazer aconteciam principalmente na casa grande de seu Procópio, conhecido como Mintirito, onde eram realizadas animadas festas.

Dona Sabina Cardoso, de 84 anos, lembra com carinho dos anos 1950: “Era muito bom, as festas iam das seis às seis e a gente se divertia à beça. Naquela época, a moça que dava um passo errado casava na marra, na polícia.”

Com o passar dos anos, o Sítio Castelo começou a passar por mudanças significativas. Em 1985, por exemplo, iniciaram-se os trabalhos para a construção de uma ponte e de uma escada até o igarapé.

O então prefeito da cidade de Abaetetuba, sempre visitava o lugar e pediu para poder construir uma ponte até o igarapé, o sr. Manoel e dona Sabina permitiram, então foi aberto um ramal para acesso dos moradores. A partir de então muitas pessoas passaram a visitar o “Castelo”. (M.P, 78 anos)¹⁷.

Assim, o Sítio Castelo passou por avanços significativos em sua infraestrutura, impulsionados pelo crescimento da cidade de Abaetetuba e pelas demandas da própria comunidade. M.C.C., de 74 anos, relembra esse momento de transformação, “para vir a melhorar a vida da população e com o avanço do desenvolvimento na cidade de Abaetetuba, acontece o rebaixamento de energia elétrica e água encanada para a Vila no ano de 1999.”

A partir desse processo, as residências começaram a receber água encanada e, logo em seguida, o acesso à energia elétrica tornou-se uma realidade. M.C.C. também destaca o esforço coletivo dos moradores nesse período:

No começo cada morador cortou uma árvore que serviu como poste. O senhor Jorge, que prestava serviço para a distribuidora de energia, forneceu alguns cabos elétricos, e assim pode ser ligada a energia para o Castelo. No ano seguinte, aconteceu a abertura da Passagem São Miguel, a qual liga o Ramal do Castelo à Rua Jader Barbalho.” (Cupijó).

¹⁷ M.P, 78 anos, aposentada, casada, morador do local há 78 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 09/ 05/ 2022

Foi construída a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. (M. C.C, 74 anos).¹⁸

O relato evidencia a força da ação coletiva e o protagonismo dos próprios moradores na busca por melhores condições de vida. A iniciativa de cada família cortar sua própria árvore para fazer postes demonstra o esforço comunitário e a criatividade diante da ausência do poder público. A contribuição do senhor Jorge, fornecendo cabos elétricos, e a posterior abertura da Passagem São Miguel, revelam um momento de transição importante para o Sítio Castelo, marcado pela chegada da energia elétrica e por melhorias na infraestrutura.

A construção da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro também reforça o papel da religiosidade como elemento central na vida da comunidade, fortalecendo os laços sociais e culturais. Esses acontecimentos, preservados pela memória oral de moradores como M.C.C. (74 anos), ajudam a compreender como se deu o desenvolvimento do lugar por meio de esforços coletivos e práticas de solidariedade.

Além das transformações sociais e estruturais que marcaram a história do Sítio Castelo, a comunidade também foi profundamente afetada por acontecimentos externos mais recentes. Em 2015, o naufrágio do navio Haidar, como observado na imagem 13, abaixo, no porto do Conde, provocou sérios danos ambientais e sociais na região. O derramamento de óleo e a morte de cerca de cinco mil bois que afundaram no Rio Pará resultaram na escassez de peixes e camarões, prejudicando a pesca – atividade fundamental para muitas famílias locais. Como relata dona Sabina Cardoso (84 anos): “não tem mais muitos peixes e camarão”. O episódio permanece vivo na memória dos moradores e se soma aos eventos que moldaram a trajetória do Sítio Castelo, revelando a vulnerabilidade da comunidade frente aos impactos ambientais.

¹⁸ M.C.C, 74 anos, professora aposentada, moradora do local a 74 anos. Entrevista concedida a Luzia Cardoso em 15/ 05/ 2023.

Foto 14 - Naufrágio do Navio Haidar.



Fonte: <https://bancariospa.org.br/ces-para-lancamocao-de-repudio-apos-acidente-de-navio-que-afundou-em-vila-do-conde/> ¹⁹.

Além do desastre ambiental causado pelo naufrágio do navio Haidar, a comunidade do Sítio Castelo também enfrentou, em 2019, um episódio atípico de maré alta. Embora os moradores estejam acostumados com esse fenômeno, especialmente durante o mês de março, naquele ano a maré atingiu níveis mais elevados que o habitual, inundando a rua principal e a área da beira do rio. Como relata M.P. (78 anos): “a água grande veio de dia, foi só diversão para as crianças, mas causou prejuízo para os moradores”. O episódio, apesar de ter gerado momentos de lazer para os mais jovens, acarretou danos materiais para muitas famílias, reforçando a vulnerabilidade da comunidade diante das forças naturais.

Foto 15 – Fenômeno da maré cheia



Fonte: Autoria Própria (2019)

¹⁹ Naufrágio do Navio Haidar. Imagem disponível em <https://bancariospa.org.br/ces-para-lancamocao-de-repudio-apos-acidente-de-navio-que-afundou-em-vila-do-conde/> Acesso em 24/03/2023.

Este evento, assim como os demais citados ao longo da pesquisa, evidencia que a história da comunidade é construída a partir das experiências vividas e das memórias transmitidas entre gerações. Por meio da escuta sensível aos relatos dos moradores, foi possível compreender as origens do Sítio Castelo, suas transformações sociais e ambientais, e a importância das práticas coletivas que sustentam a identidade local. Assim, este estudo reafirma o valor da memória oral como instrumento legítimo para a construção do conhecimento histórico, destacando a centralidade dos sujeitos comunitários como protagonistas da própria história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender a origem da denominação “Sítio Castelo”, considerando as diversas versões existentes entre os moradores da Vila de Beja, no município de Abaetetuba – PA. Partiu-se da hipótese de que as memórias dos habitantes mais antigos da comunidade seriam fontes relevantes para a construção de uma narrativa histórica sobre a localidade. Para isso, utilizou-se como metodologia a aplicação de questionários e a realização de conversas informais com os moradores, valorizando os relatos orais como instrumento fundamental para a reconstituição do passado.

A escuta das memórias locais permitiu identificar que o nome “Sítio Castelo” tem como provável origem a antiga mercearia do senhor Procópio da Memória Cardoso, figura de destaque na história do lugar. No entanto, a pesquisa revelou que o verdadeiro valor dessa investigação vai além da origem toponímica: trata-se do resgate e da valorização de uma memória coletiva construída ao longo de décadas, marcada por esforço, solidariedade, religiosidade e pertencimento.

Ao longo do levantamento, foi possível perceber que o Sítio Castelo passou por significativas transformações desde o ano de 1860, quando se iniciaram as primeiras ocupações no local. Mudanças na infraestrutura, na organização social, nas práticas religiosas e nas formas de sociabilidade moldaram o desenvolvimento da comunidade, embora muitos moradores ainda guardem com saudade lembranças de um cotidiano mais simples e de tradições que, em parte, se perderam com o tempo.

A história do Sítio Castelo é marcada pelo protagonismo de seus moradores, cujas ações individuais e coletivas foram fundamentais para a consolidação da Vila tal como é conhecida atualmente. Episódios como a chegada da energia elétrica, a abertura da Passagem São Miguel, a realização dos primeiros Círios e a elevação da comunidade à condição de paróquia ilustram o dinamismo da vida local e o papel ativo da população na construção de sua própria história.

Conclui-se, portanto, que os objetivos propostos por este estudo foram plenamente alcançados. Através da escuta sensível às memórias orais, foi possível reconstituir a trajetória histórica do Sítio Castelo, compreendendo suas

origens, seus processos de transformação e os principais acontecimentos que marcaram a vida comunitária. Este trabalho pretende também contribuir para a preservação da memória local, servindo como fonte para futuras pesquisas e como reconhecimento do saber daqueles que, com sua vivência, mantêm viva a identidade cultural da comunidade.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Sabina. *História de como surgiu o Sítio Castelo*. Entrevista concedida a Luzia Cardoso. 12 maio 2023.

C., B. *História de como surgiu o Sítio Castelo*. Entrevista concedida a Luzia Cardoso. 10 maio 2023.

C., C. *História de como surgiu o Sítio Castelo*. Entrevista concedida a Luzia Cardoso. 15 maio 2023.

C. P. P. *História de como surgiu o Sítio Castelo*. Entrevista concedida a Luzia Cardoso. 12 maio 2023.

DILTHEY, Wilhelm. *Filosofia e educação: textos selecionados*. São Paulo: Edusp, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.

HISTÓRIA DE ABAETETUBA. Disponível em: <https://www.abaetetuba.pa.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Revista de História*, n. 155, p. 191–203, 2º semestre 2006.

M., P. *História de como surgiu o Sítio Castelo*. Entrevista concedida a Luzia Cardoso. 19 maio 2023.

MÉTIS: história & cultura – SILVEIRA, Éder da Silva. p. 35–44.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Sandra. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NAUFRÁGIO do navio Haidar em Vila do Conde. Disponível em: <https://bancariospa.org.br/ces-para-lanca-mocao-de-repudio-apos-acidente-denavio-que-afundou-em-vila-do-conde/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

OLIVEIRA, Roberto Oliveira de. *O trabalho do antropólogo*. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006.

ORAL History Association – EUA; citado por THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

QUINTANEIRO, Tânia. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SÁ, Roberto. *As contribuições de Dilthey para uma fundamentação hermenêutica das Ciências Humanas*. Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: SCOTT, Joan. *Gênero e a política da história*. Lisboa: Educa, 1995. p. 86.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 3. ed. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.